

Cortejo Visagento: imaginário e memória do bairro do Guamá e da capital belenense (PA)

Ghostly process: imaginary and memory of the neighborhood of Guamá and capital belenense (PA)

Proceso fantasmal: imaginario y memoria del barrio de Guamá y capital belenense (PA)

Elisa Gonçalves Rodrigues¹

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7309-0404>

Belém é recheada de lendas, imaginários e memórias que se conectam com a cidade, ruas, águas da Amazônia e seus indivíduos. O Cortejo Visagento, anual evento ocorrido no bairro do Guamá no Dia das Bruxas, resistindo ao americanismo e às datas do Halloween, resgata a potencialidade regional fantasmagórica e visagenta, cujo termo fortemente inspirado pela obra paraense *Visagens e assombrações de Belém*, de Walcyr Monteiro (2016), que mescla as características particulares da capital. Criado pelo projeto Espaço Cultural Nossa Biblioteca², o espaço possui outras iniciativas, como uma biblioteca comunitária para a construção de uma comunidade leitora e crítica ao seu passado e presente.

Ocorrido pela primeira vez em 2017, o Cortejo valoriza histórias tradicionais de Belém, especialmente lendas pertencentes ao imaginário, e traz atividades como o concurso de fantasias. Um dos objetivos do evento é mostrar outra perspectiva da comunidade, sendo esta criativa, produtiva e pacífica, a criar referências positivas ante o passado de

prescrição social do Guamá, bairro periférico e, atualmente, mais populoso de Belém, fundado no século XIX através do primeiro Leprosário da Amazônia, o Hospital dos Lázarus, parte do sistema de manutenção da capital frente às políticas higienistas da Belle-Époque.

O percurso feito pelo Cortejo Visagento inicia dentro do Cemitério Santa Izabel para agrupar os participantes e desfazer a sensorialidade mórbida que paira no espaço, apresentando sua história no bairro. Guiados por um trio elétrico, a Passagem da Pedreirinha é a primeira rua pela qual o Cortejo passa, havendo uma parada em frente ao Terreiro de Mina Dois Irmãos, para a contação das histórias da rua. Seguindo, o Cortejo pausa na Rua João de Deus, a primeira rua do Guamá, junto da Passagem da Pedreirinha, aberta pelo sesmeiro Theodoro Soares Pereira, em 1728. O Cortejo passa, ainda, pela Avenida Bernardo Sayão, desembocando na Universidade Federal Pará, não excluindo a Rua Barão de Igarapé Miri, aberta em 1928 junto das melhorias nas

1. Mestranda em Antropologia (PPGSA-UFPA). Graduada em Ciências Sociais (UFPA). É pesquisadora associada da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC). Integra o Grupo de Pesquisa Antropologia das Paisagens: memórias e imaginários na Amazônia - CNPq. Possui experiência na área de Ciências Sociais com ênfase em Antropologia. Desenvolve pesquisa nas áreas Cemiteriais, de Antropologia e Psicanálise, nas temáticas de Antropologia das Emoções, Antropologia Mortuária, Antropologia Urbana, Imaginário, Memória, Luto e ritos funerários.

2. Mais informações, disponíveis em:

<https://www.facebook.com/ecnbiblioteca> e <https://www.instagram.com/ecnossabiblioteca/>.

instalações do Leprosário do Tucunduba, durante o governo de Dionísio Bentes.

Os registros deste ensaio retratam o III Cortejo Visagento, ocorrido em 31 de outubro de 2021, e se entrelaçam na dissertação de mestrado em andamento da autora, partindo de uma etnografia cemiterial no Cemitério Santa Izabel, de caráter perpétuo fundado em 1870, para com o bairro e com a cidade, a permear o imaginário urbano (SILVEIRA, 2016), sendo, também, uma etnografia da e na cidade (ROCHA; ECKERT, 2010) apresentando o local como um espaço que permeia emoções (LEBRETON, 2019), cultura e lazer, para além das finalidades funéreas (DEL PUERTO, 2016).

Fazendo do luto um norte para a pesquisa, discorro sobre as relações das emoções com o espaço (COELHO, 2010), suas expressões (MAUSS, 2001) e sociabilidades (SIMMEL, 1983), antropologicamente acostada pela Antropologia Urbana, Antropologia das Emoções e Imaginário. Essencialmente presentes no Cortejo Visagento, etnografado como parte do campo da pesquisa na cidade cemiterial (RODRIGUES; SILVEIRA, 2022), que sob o chamado da Matinta Pereira, personagem homenageada nesta edição e central no folclore e imaginário amazônico, convocou todos os participantes e curiosos para a conhecer no Cortejo. Quem quer?



Imagem 1 – Início da concentração no Cemitério Santa Izabel para o III Cortejo Visagento, unindo os fantasiados do concurso à fantasia junto do restante dos participantes.

Fonte: Autora (2021).



Imagem 2 – Fantasia de um dos participantes do concurso à fantasia do Cortejo no Cemitério Santa Izabel (PA). Noiva chorona. **Fonte:** Autora (2021).



Imagem 3 – Fantasias dos participantes do concurso à fantasia do Cortejo no Cemitério Santa Izabel (PA). **Fonte:** Autora (2021).



Imagem 4 – Fantasia de um dos participantes do concurso à fantasia do Cortejo no Cemitério Santa Izabel (PA). Homem-porco.

Fonte: Autora (2021).



Imagem 5 – Início do trajeto do Cortejo, após saída do Cemitério e seguindo o trio pelo bairro do Guamá, que guia toda a caminhada dos participantes.

Fonte: Diogo Bendelak (2021).



Imagem 6 – Pausa no trajeto para a contação de histórias das lendas amazônicas. Apresentação da música “Matinta”. **Fonte:** Autora (2021).



Imagem 7 – Contação de história de lendas locais. “A festa da Matinta”.
Fonte: Autora (2021).



Imagem 8 – “Chamado da Matinta”, dança e contação de sua lenda.
Fonte: Autora (2021).



Imagem 9 – Matinta Pereira, personagem homenageada no III Cortejo Visagento.

Fonte: Autora (2021).



Imagem 10 – Noiva chorona. Fantasia e personagem ganhadora do 1º lugar do concurso do III Cortejo Visagento. Noiva chorona.

Fonte: Autora (2021).

Referências Bibliográficas

COELHO, Maria Claudia. Narrativas da violência: a dimensão micropolítica das emoções. **Mana** [online]. 2010, v. 16, n. 2 [Acessado 2 Janeiro 2022], pp. 265-285. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-93132010000200001>>. Epub 14 Dez 2010. ISSN 1678-4944. <https://doi.org/10.1590/S0104-93132010000200001>.

DA SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu. As dinâmicas das paisagens de Belém (PA): memórias, ruínas, e imaginários no mundo urbano. In: ANDRADE, R. (Org). **Amazônias, cidades e jardins.**: anatomia urbana e identidades paisagísticas. Rio de Janeiro. UFRJ, 2016.

LE BRETON, David. **Antropologia das emoções**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos. In: Ensaio de Sociologia. Tradução de Luiz João Gaio e J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva. 2001. ROCHA, Ana Luíza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Cidade narrada, tempo vivido: estudos de etnografias da duração. Campinas: **Revista Rua**, no 16, Volume, junho de 2010.

RODRIGUES, Elisa Gonçalves; SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu. ÀS PORTAS DAS CIDADES URBANA E CEMITERIAL NA CIDADE DE BELÉM (PA). **Revista Conhecimento Online**, [S. l.], v. 1, p. 67–85, 2022. DOI: <https://doi.org/10.25112/rco.v1.2867>. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistaconhecimentoonline/article/view/2867>. Acesso em: 21 fev. 2022.

SIMMEL, Georg. **Sociabilidade, um exemplo de Sociologia pura e formal**. In: MORAES E FILHO. E. D. (org). São Paulo: Ática, 1983.

MONTEIRO, Walcyr. **Visagens e assombrações de Belém**. 6 Ed. Belém: Cromos Editora, 2012.

PUERTO, Charlene Brum Del. **Turismo em cemitério: O Cemitério como patrimônio e atrativo turístico, considerando a trama morte e vida nas necrópoles**. Dissertação de Mestrado - Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2016.